

A semântica de “ἔρως” no tempo patrístico

The semantics of ‘ἔρως’ in patristic times

Pe. Ulysses Roberto Lio Tropia*

Resumo

O objetivo deste artigo é mostrar a semântica da palavra *Eros* dentro da tradição cristã. Limita-se a algumas dessas significações. A reflexão mostra a limitação dessa expressão na língua portuguesa. Seu significado é muito mais rico na língua grega. Se a tradição cristã carregou esta palavra de forma negativa, outros Padres leram-na em sintonia com *Ágape* e com outros significados. A relação mística a interpreta como uma relação “erótica” entre homem e Deus. Esta intimidade procura explicar o aspecto do desejo de Deus e da relação mútua entre aquele que ama e o amado, que tem sua raiz na busca mais íntima da humanidade. Negar por preconceitos palavras carregadas de desejos não divinos e nem dignos da humanidade, como na Antigüidade, é reduzir demais seu campo semântico na história. Esta palavra reflete o amor da alma para com Deus numa perspectiva mística, assume variações significativas, dentre tantas, como o amor de Jesus Cristo, como sinônimas de *Ágape*, do amor de Deus para com os homens, como amor individual ligado a Deus, o *Eros* como virtude e como castidade. A compreensão das dimensões do amor se realiza na capacidade de ver que todas elas são positivas e importantes para obtermos o equilíbrio da vida humana, numa harmonia destas dimensões constitutivas e importantes para a vida.

Palavras-chave: Eros; Patrística; Amor; Alma; Mística; Virtude; Castidade e Ágape.

O período Patrístico no Ocidente vai até a morte do Papa Gregório Magno (+604). No Oriente se estende até o século VIII com São João Damasceno (+749). O Cristianismo greco-romano herdou toda a tradição cultural do Império. Desde o início um cristianismo judeu-cristão deu lugar a um cristianismo helênico que procurou se “inculturar” dentro do mundo que estava

* Texto recebido em setembro/2006 e aprovado para publicação em dezembro/2006.

* Mestre em Patrística e Patrologia pelo Instituto Agostiniano de Roma; professor de Patrística, Grego e História da Igreja Antiga no Seminário São José – Mariana; professor de Patrística da FAJE e de Cultura Religiosa da PUC Minas. e-mail: odysseustropia@uol.com.br

preparado para receber a mensagem cristã. Esta preparação se deve à contribuição da filosofia estoíca, da unidade lingüística e das religiões de mistério.

O cristianismo, fazendo-se entender dentro deste mundo cultural, começou a usar não só a língua, mas também os conceitos herdados da filosofia e outros do mundo social. Embora a língua portuguesa não tenha várias palavras para expressar a relação “amorosa” da experiência humana, como a língua grega, percebemos que uma das palavras usadas no grego para a palavra amor em português é a palavra *Eros* (ἔρως). Esta foi uma das palavras usadas pela tradição cristã, de modo especial pelos místicos, e que possuía um conteúdo variado, e só poderia ser percebido dentro do contexto em que o autor cristão a usava.

Várias palavras em grego querem expressar as diferentes dimensões do amor e que se completam numa perspectiva da unidade antropológica do homem. Elas são importantes porque marcam o que podemos chamar de “etapas” do amor. *Pornéia* – πορνεία quer referir-se “ao amor captativo”, “amor que consome”, é consumir “o outro para tornar-me eu mesmo” e que já expressa “uma forma de amor”. Outra palavra com seu significado é *Pothos* – πόθος, que vem a indicar “amor necessidade”, quando “temos necessidade de amar o outro para que ele nos complete. A outra palavra é *Pathé* – πάθη, que tem o significado de “amor-doença”, o qual se manifesta quando “nos tornamos completamente dependentes do outro e o amor vem baseado somente em emoção”. “Esta íntima forma de amor”, o amor “possessão” se chama *Mania* – Μανία. Outra palavra extremamente significativa é *Eros*, que significa “amor-desejo” e está ligado ao aspecto estético e se torna “o desejo do desejo do outro”. A palavra *Storguê* – στοργή é o “amor ternura” e *Ennoia* – ἔννοια vem a “significar amor dedicação, como serviço e é a forma de amor muito elevada de doação de si mesmo”. O mesmo se diga da palavra *Harmonia* – ἁρμονία, que significa colocar as coisas em ordem, “harmonizar-se com o outro”. Temos também o amor amizade - φιλία, amor que é “troca”, e que vinha diferenciada em três: Amor *Zeiniqué*, que é “amor entre amigos”, *Filia-Psiqué*, que “é amor dos pais pelos filhos e da família entre si” e *Filia Erotiqué*, que é “amizade amorosa”. Outro termo importante é de *Charis* – χάρις que é “amor compaixão”. O último significado encontramos no amor chamado *Ágape* – ἁγάπη, que é o amor universal, “amor que transborda”, gratuito. Hoje se considera saúde mental saber que o “que chamamos de amor são todas estas dimensões juntas” (LELOUP, 2002, p. 68-69).

Este artigo é uma tentativa de abordar os sentidos semânticos de *Eros* na tradição da mística patrística, mostrando que o termo não era relegado a um

plano secundário e pejorativo, embora o termo *Ágape* (Ἄγαπη) fosse o mais usado para falar do amor, provavelmente no cristianismo influenciado de forma bastante incisiva, não exclusiva, por São João Evangelista.

Veremos nesta exposição num primeiro momento *Eros* como sinônimo de *Ágape*. Em segundo lugar, uma reflexão sobre definições e qualidades da palavra *Eros* no tempo patrístico. Sobre este item destacamos alguns elementos importantes de *Eros* como avaliação estética, como correspondente do amor de Deus, como contemplação do amor de Deus, como experiência pessoal do amor de Deus e como causa de todo o bem. Num terceiro momento, o tema aparece na relação de *Eros* do homem em relação a Deus, esta relação que se apresenta entre Deus e a divina beleza e em relação aos santos. Num último momento, o aspecto ético de *Eros* como amor à virtude. A retórica antiga divaga muito para expressar o pensamento do autor e por isso pode parecer um texto duro, mas corresponde ao contexto cultural que os padres da Igreja herdaram. Se pudéssemos ver os padres da Igreja oriental poderíamos deparar com outro contexto cultural, mais existencial, menos rígido.

Eros (Ἔρως) como sinônimo de Ágape (ἀγάπη)

Encontramos um testemunho em Orígenes (*185/ +253). Ele foi um dos mais importantes pensadores cristãos da Antigüidade. Praticamente tudo o que se falou em teologia depois dele teve neste autor um iniciador. Além de ser um profundo conhecedor do Hebraico foi o primeiro a tentar montar o texto crítico da “*Septuaginta*” na obra *Hexaplá*.¹

O texto da *Hexaplá* de Orígenes foi a tentativa do primeiro texto crítico bíblico para o Antigo Testamento. Orígenes queria remontar a “*Septuaginta*” (Bíblia dos Setenta da cidade de Alexandria, no Egito) em sua originalidade, tentando resgatar o texto provável que saíra das mãos dos autores que na Época de Ptolomeu Filadelfio havia tentado traduzir com a ajuda de setenta e dois judeus a Lei judaica escrita em hebraico para a língua grega. Para isso Orígenes fez seu trabalho para todo o Antigo Testamento. Ele tomou o texto hebraico e palavra por palavra colocou numa coluna. Depois paralelamente ele transliterou as palavras hebraicas para caracteres gregos. Do lado destes caracteres ele colocou a variante de Áquila em coluna paralela, seguida da variante de Símaco. Do lado da versão de Símaco ele colocou o texto da “*Septuaginta*”, determinan-

¹ A *Exaplá* de Orígenes pode ser encontrada na PG (Patrologia Grega). A obra não é completa mas sabemos que Orígenes fez este trabalho crítico para todo o Antigo Testamento.

do as variantes. Do lado deste texto colocou o texto de Teodosião, e depois uma sexta coluna e uma sétima coluna com outras traduções. Foi o primeiro trabalho sistemático da Sagrada Escritura que mais tarde, no final do terceiro século, foi aprofundada por Luciano de Antioquia. Este fez o mesmo trabalho para a Escola de Antioquia.

Sua obra de comentários bíblicos que deu início na Igreja a uma interpretação alegórica da Sagrada Escritura nos trouxe a base da reflexão da mística cristã inspirada na Sagrada Escritura.

No prefácio do comentário ao “Cântico dos cânticos”, uma das mais belas obras de Orígenes, encontramos uma referência sobre ἔρωσ, desenvolvendo a sua mística da Igreja, alma, enamorada do Esposo. O desejo da sabedoria não é alguma realidade baixa, da natureza humana, mas é a busca mais profunda que uma pessoa pode desejar. Esta sabedoria é divina e amá-la é digna de toda a realidade mais humana. É claro que o método usado por ele tem sua origem em Fílon de Alexandria. Diz Orígenes:

Considero que somente onde não existia ocasião de engano a Escritura usou o termo “desejo” (ἔρωσ). Pois, que coisa de passional e vergonhoso seria notado no desejo da sabedoria ou naquele que declara de desejar a sabedoria? Na verdade, se a Escritura tivesse dito que Isaque desejou Rebeca, ou Jacó desejou Raquel, poder-se-ia pensar a paixão ou alguma coisa vergonhosa nos santos homens de Deus por causa destas palavras, sobretudo da parte daqueles que não sabem elevar-se da letra ao espírito. E, é justo neste livro, que temos entre as mãos, é claro, que a palavra desejo foi substituída por amor, lá onde se diz: *Vos suplico, filhas de Jerusalém, se encontras meu amado, diga-lhe que eu estou ferida de amor* (Ct., 5,8). É como se ela dissesse: “fui ferida por uma flecha de amor”. Portanto, **não existe nenhuma diferença se nas Sagradas Escrituras se fala de amor (ἀγάπη) ou desejo (ἔρωσ)** se não que o termo amor é tido em grande estima, que também em pessoa Deus é chamado “amor”, como disse João: *Caríssimos, amemos uns aos outros porque o Amor é de Deus, e cada um que o pratica nasceu de Deus e o conhece. Quem, ao contrário, não pratica o amor, não conhece Deus, porque Deus é amor* (I Jo., 4,7s). E, também, se não é esta a ocasião para tratar desta expressão que como exemplo aduzimos da carta de São João, não parece fora de propósito dizer alguma coisa também aqui. Está escrito: *Amemos reciprocamente, porque o Amor é de Deus* e mais adiante diz: *Deus é amor*. Aqui se demonstra o próprio Deus é amor. Mas quem é de Deus se não aquele que diz: *saí de Deus e vim a este mundo?* (Jo., 16,27s). E se Deus é amor, o Filho é amor, e amor e amor são uma coisa só e em nada diferem, segue que o Pai e o Filho são uma coisa só (Jo., 10,30) e em nada diferem. Por isso, com razão Cristo, como é chamado Sabedoria, Potência, Justiça, Verdade, Verbo, assim é também chamado Amor. Por este motivo diz a Escritura: “Se o amor permanece em nós, Deus permanece em nós” (I Jo., 4,2); A Deus, isto é, o Pai e o Filho, vem

àquele que é perfeito no amor, segundo a palavra do Senhor e Salvador que diz: *Eu e o Pai viremos a ele e faremos nele morada* (Jo., 4,23). De outro lado devemos saber que este amor, que é Deus, não ama nada de terreno, nada de material, nada de corruptível naquele em que tomou morada. É por isso contra a natureza amar alguma coisa de corruptível, porque próprio ele é fonte de incorruptibilidade. Na verdade ele só possui imortalidade porque amor é Deus, que só possui imortalidade, habitando em luz inacessível... Aquele que ama o Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, e com todas as suas forças (Lc., 10,27). E porque Deus é amor, e o Filho que é de Deus, é amor, ele procura em nós alguma coisa de semelhante a si mesmo, a fim de que por meio deste amor, que está em Cristo Jesus, nós nos unamos a Deus, que é amor, quase em parentesco e afinidade derivada deste amor, como era aquele que já estava unido a Deus dizia: *Quem nos separará do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor?* (Rm., 8,35.39). Tal amor considere todo homem como seu próximo [...]²

Por isso, tanto *Ágape* quanto *Eros* têm o mesmo significado; na realidade é mais espiritual na Sagrada Escritura que coloca os termos no mesmo campo semântico.

Inácio de Antioquia, terceiro bispo de Antioquia depois de Pedro e Evódio, escreveu sete cartas. Ele sofreu o martírio no ano (107/110?) no Coliseu em Roma. Escrevendo aos Romanos um tratado espiritual sobre o martírio nos diz:

[...] Ζῶν γὰρ γράφω ὑμῖν,
ἐρῶν τοῦ ἀποθαινεῖν.
Ὁ ἐμὸς ἐρῶς ἐσταύρωται,
καὶ οὐκ ἔστιν ἐν ἐμοὶ πῦρ
φιλοῦλον· ὕδωρ δὲ ζῶν καὶ
λαλοῦν ἐν ἐμοί, ἔσωθέν μοι
λέγον· Δεῦρο πρὸς τὸν
πατέρα. [...]

Carta aos Romanos 7,2

[...] É vivo que eu vos escrevo, mas com anseio de morrer.

Meu *Amor* foi crucificado, e não há mais em mim fogo para amar a matéria. Dentro de mim há uma água viva que murmura e diz:

“Vem para o Pai” (INÁCIO DE ANTIOQUIA, 1970, p. 68) [...]

A literatura das sete *Cartas* que nos deixou Inácio nos mostra não uma preocupação de defesa sistemática da fé, mas uma preocupação mais pastoral, de responder aos desafios e necessidades do cristianismo, que passa do primeiro século ao segundo sofrendo a perseguição esporádica de alguns Imperadores.

O amor de Inácio, Jesus Cristo, que ele deseja e realiza na sua vivência da fé, e a ele se liga de forma afetiva, foi crucificado, expressão do amor maior,

² O texto é tirado da tradução latina feita por Rufino de Aquiléia. Texto crítico em Baehrens (1925).

a ponto de tudo se tornar secundário, de tudo perder seu fascínio, a não ser viver para o Crucificado, um chamado interior incontrolável que o conduz para o princípio e fim de todas as coisas, isto é, o Pai.

Outro testemunho sobre o termo nós encontramos em Gregório de Nissa (*335 / +394). Irmão de Basílio Magno, sua obra foi de grande importância para a história da teologia tanto do Oriente quanto do Ocidente. Ele também conheceu Orígenes através de sua avó, Macrina, que fora discípula de Gregório, o Taumaturgo, grande discípulo de Orígenes. Ela costumava passar para os netos (Pedro de Sebástia, Macrina, Basílio Magno e Gregório de Nissa) as lições recebidas da teologia de Orígenes. Gregório de Nissa na sua "Homilia" 13, no Cântico dos cânticos, nos oferece a seguinte passagem³ onde o amor é concebido como "caridade intensa". A importância deste nosso autor foi de ter, junto com outros de sua época, entrado em contato com o Neo-Platonismo e procurado por meio do sistema Neo-Platônico dar sustentação ao argumento teológico, de modo especial à relação trinitária. Gregório de Nissa juntamente com seu irmão São Basílio e seu amigo Gregório de Nazianzo foram os grandes sustentadores do Concílio de Constantinopla (381), em que a fé de Basílio garantiu a profissão de fé na divindade do Espírito Santo.

[...] οὕτω γάρ φησιν ὁ Παῦλος ὅτι "Ἐν μὲν ἐστὶ σῶμα, πολλὰ δὲ μέλη. Τὰ δὲ μέλη πάντα οὐ τὴν αὐτὴν ἔχει πράξιν, ἀλλ' ἐστὶς καὶ ὀφθαλμὸς ἐν τῷ σώματι μὴ καταφρονῶν τῆς χειρὸς καὶ κεφαλῆ τῆς ὧν οὐκ ἀπαθεῖται τοὺς πόδας, ἀλλὰ συγκέκραται πρὸς ἑαυτὸ τῆ ποικιλίᾳ τῶν ἐνεργειῶν ἅπαν διὰ τῶν μελῶν τὸ σῶμα, ἵνα μὴ στασιάζῃ πρὸς τὸ ὅλον τὰ μέλη.

ταῦτα δὲ δι' αἰνιγματικῶν προθεῖς τὰ νοήματα ἐπὶ τὸ σαφέστερον προάγει τὸν λόγον εἰπὼν ὅτι "Ἔθετο ὁ θεὸς ἐν τῇ ἐκκλησίᾳ

[...] "...Assim diz Paulo: *um só é o corpo, mas muitos os membros* (I Cor., 12,12-28). Mas os membros não tiveram a mesma função, mas um é o olho do corpo e não despreza a mão; e aquele que é cabeça não rejeita os pés, mas todo o corpo, nos seus vários membros está harmoniosamente unido, na variedade das operações, a fim de que os membros não estejam em discórdia com o todo".

Depois de ter proposto por meio dos enigmas tais doutrinas o Apóstolo esclarece o seu falar quando diz *Deus colocou na Igreja os apóstolos, os profetas, os doutores, os pastores para a preparação dos santos que devem realizar a obra do ministério para*

² Cf. Gr. Nyss., *Hom. 13 in Cant.* (Migne.44.1048C). A Coleção Migne vem a partir de agora nomeada de M.

ἀποστόλους καὶ προφήτας
καὶ διδασκάλους καὶ
ποιμένας Πρὸς τὸν
καταρτισμὸν τῶν ἁγίων, εἰς
ἔργον διακονίας, εἰς
οἰκοδομὴν τοῦ σώματος τοῦ
Χριστοῦ, μέχρι
καταντήσωμεν οἱ πάντες εἰς
τὴν ἐνότητα τῆς πίστεως καὶ
τῆς ἐπιγνώσεως τοῦ υἱοῦ τοῦ
θεοῦ εἰς ἄνδρα τέλειον εἰς
μέτρον ἡλικίας τοῦ
πληρώματος τοῦ Χριστοῦ.

καὶ πάλιν Ἀυξήσωμεν,
φησὶν, εἰς αὐτὸν τὰ πάντα,
ὅς ἐστιν ἡ κεφαλὴ ὁ
Χριστός, ἐξ οὗ πᾶν τὸ σῶμα
συναρμολογούμενον καὶ
συμβιβαζόμενον διὰ πάσης
ἀφῆς τῆς ἐπιχορηγίας κατ'
ἐνέργειαν ἐν μέτρῳ ἑνὸς ἐκὰς
στοῦ μέρους τὴν αὐξήσιν τοῦ
σώματος ποιεῖται εἰς
οἰκοδομὴν ἑαυτοῦ ἐν ἀγάπῃ .
οὐκοῦν ὁ πρὸς τὴν
ἐκκλησίαν βλέπων πρὸς τὸν
Χριστὸν ἀντικρὺς βλέπει τὸν
ἑαυτὸν διὰ τῆς προσθήκης
τῶν σφζομένων
οἰκοδομοῦντα καὶ
μεγαλύνοντα.
ἡ τοίνυν ἀποθεμένη τῶν
ὀμμάτων τὸ θέριστρον
καθαρῶ τῷ ὀφθαλμῷ τὸ
ἄφραστον ὄρα τοῦ νυμφίου
κάλλος καὶ διὰ τοῦτο
τρωθεῖσα τῷ ἄσωμάτῳ καὶ
διαπύρω βέλει τοῦ ἔρωτος ·
ἐπιτεταμένη γὰρ ἀγάπη ὁ
ἔρωτος λέγεται, ᾧ οὐδεὶς
ἐπαισχύνεται ὅταν μὴ κατὰ
σαρκὸς γένηται παρ' αὐτοῦ
ἡ τοξεία, ἀλλ' ἐπικαυχᾶται

a construção do corpo de Cristo, até quando todos chegaremos à unidade de fé e do conhecimento do Filho de Deus, a construir o homem perfeito, na medida que convêm à plena maturidade de Cristo.

E ainda (Ef., 4,15-16), *creçamos com ele em todos os aspectos, ele diz, nele que é a cabeça, isto é, o Cristo, pelo qual todo o corpo, unido e compaginado, por meio de todos os vínculos que o alimentam, segundo a operação na medida relativa de cada uma das partes, atua o crescimento do corpo até a própria edificação no Amor.*

Portanto, aquele que olha a Igreja olha diretamente Cristo, que se edifica e se cresce por meio da unidade daqueles que se salvam.

Então, aquele que depôs o véu dos olhos, olha com olhos puros a inexprimível beleza do esposo e por este motivo é ferida do incorpóreo e o incandescente dardo do amor. Diz-se que o Amor seja uma caridade intensa. Ninguém se envergonha dele (do amor) para que golpe da sua flecha não venha na carne, mas um se gloria, de sua ferida, quando recebeu a ponta do desejo imaterial na profundidade de seu coração. Também a esposa assim fez quando disse às jovens: *eu fui ferida do amor [...]*

μᾶλλον τῷ τραύματι ὄταν
διὰ τοῦ βάθους τῆς καρδίας
δέξεται τὴν τοῦ αὐλοῦ
πόθου ἀκίδα. ὅπερ δὴ καὶ
αὕτη πεποίηκε ταῖς νεάνισι
λέγουσα ὅτι Τετρωμένη
ἀγάπης εἰμὶ ἐγὼ [...]

O Amor (*Eros*) veio definido como uma caridade (*Ágape*) intensa que atinge o homem na sua realidade mais íntima e interior, a sua realidade incorpórea, que está para além de uma compreensão sensível. A busca do Esposo (Cristo) faz com que a alma enamorada só pense nele e só nele encontre seu repouso. A mesma realidade pode ser definida entre o Cristo e sua Igreja, figura da amada no “Cântico dos cânticos”.

Pseudo Dionísio Areopagita, um bispo dos fins do século V e início do século VI, teve uma grande importância na utilização do termo. Este autor dedica uma parte de seu livro *Sobre os Nomes Divinos* para falar do amor (*Eros*). Trata-se do “Amor divino” que por causa de sua providencial ação no mundo expressa seu amor aos homens, isto tudo quando reflete a “teologia positiva” ou “descendente”.⁴ O tempo da Igreja vivia uma tensão entre dois grupos rivais, o calcedoniano e o monofisitas. Um afirmava as duas naturezas em Cristo numa unidade hipostática; o outro grupo afirmava que na concepção a divindade absorveu a humanidade de Cristo. O contexto era de disputa.

(708B)

[...] Παρήσιάζεται δὲ καὶ τοῦτο εἰπεῖν ὁ ἀληθὴς λόγος, ὅτι καὶ αὐτὸς ὅπαντων αἴτιος δι' (ἀγαθότητος ὑπερβολὴν πάντων ἐρᾷ) πάντα ποιεῖ πάντα τελειοῖ, πάντα συνέχει, πάντα ἐπιστρέφει, καὶ ἔστικαὶ ὁ θεὸς ἔρως ἀγαθὸς ἀγαθοῦ διὰ τὸ ἀγαθόν.

Αὐτὸς γὰρ ὁ ἀγαθοεργὸς τῶν ὄντων ἔρως ἐν τἀγαθῷ καθ' ὑπερβολὴν προυπάρχων οὐκ εἴασεν αὐτὸν ἄγονον ἐν ἑαυτοῦ μένειν, ἐκίνησε δὲ αὐτοῖς τὸ πρακτικεῦσθαι κατὰ τὴν ἀπάντων γενητικὴν ὑπερβολὴν.

(708B)

[...] O ensino verdadeiro ousará dizer também que a mesma causa de todas as coisas, pela sobreabundância da bondade, **ama** todas as coisas, lhes cria todas, todas aperfeiçoa, contém todas, e as converte todas a si mesma. O **Amor** divino é bom por causa do bem em direção ao Bem.

Este **amor**, na verdade, que realiza o bem de todas as coisas que são, preexistem no Bem de modo excelente, não permitiu que Deus permanecesse estéril em si mesmo, e o impulsionou a agir segundo uma sobreabundância geradora de todas as coisas.

4 Cf. Dion. Ar., *DN* 4.11 (M.3.708B-709A).

(708C)

Καὶ μὴ τις ἡμᾶς οἰέσθω παρὰ
τὰ λόγια τὴν τοῦ ἔρωτος
ἐπωνυμίαν πρεσβεύειν. Ἔστι μὲν
γὰρ ἄλογον ὡς οἶμαι, καὶ
σκαῖον τὸ μὴ τῇ δυνάμει τοῦ
ἀκοποῦ προσέχειν, ἀλλὰ ταῖς
λέξεσιν [...]

(708C)

E, ninguém acredita que nós celebra-
mos o nome do Amor contra as Escri-
turas. Creio, na verdade, é algo
irracional e estúpida o não olhar o va-
lor da intenção, mas só às palavras [...]

Deus é a causa de todas as coisas, ele é a origem destas coisas, isto tudo vem do seu amor (*Eros*) para com todas as coisas criadas. Se ele é fonte, isto é, origem de todas as coisas, tudo foi criado pelo seu amor. Seu amor se expressa quando ele desce, refletindo aqui a sua providência, a fim de criar todas as coisas, motivado pelo amor. Em Deus, *Eros* preexiste, e é a razão pela qual ele criou todas as coisas. Somos chamados a observar as palavras e perceber que Deus age amando (*Eros*). Não perceber isto é não conhecer o que Deus é. O Amor-*Eros* de Deus é o desejo do outro, quando não sendo um Deus estéril desejou criar todas as coisas.

(709A)

[...] Πλὴν ἵνα μὴ ταῦτα εἰπεῖν
δοκῶμεν ὡς τὰ θεῖα λόγια
παρακινοῦντες ἀκουέτωσαν
αὐτῶν οἱ τὴν ἔρωτος ἐπωνυμίαν
διαβάλλοντες. Ἐράσθητι αὐτῆς
φησί, καὶ τηρήσει σε· περι-
χαράκωσον αὐτήν, καὶ ὑψώσει
σε· τίμησον αὐτήν, ἵνα σε
περιλάβῃ, καὶ ὅσα ἄλλα κατὰ
τὰς ἐρωτικὰς θεολογίας
ὑμνεῖται [...]

(709A)

[...] Mas para que pareça que eu diga
estas coisas para subverter a Sagra-
da Escritura escutemos aqueles que
acusam o nome do Amor: “ame-a,
diz, e te salvará, abraçai-a e te exal-
tará, honre-a a fim de que abrace
tudo”,⁵ e qualquer outra passagem
em que vem celebrado o amor de
Deus (Eróticas Teologias) [...]

Nosso autor quer expor que a palavra *Eros* não subverte a compreensão da Sagrada Escritura, mas que faz parte de seu contexto semântico, deixando entrever que a palavra não se opõe à compreensão cristã de um amor nobre e grande da parte de Deus.

⁵ Cf. Pv., 4, 6-8.

(709B)

Καί τοι ἔδοξέ τισι τῶν καθ’
 ἡμᾶς ἱερολόγων καὶ θεϊότερον
 εἶναι τὸ τοῦ ἔρωτος ὄνομα τοῦ
 τῆς ἀγάπης .
 Γράφει δὲ καὶ ὁ θεῖος
 Ἰγνάτιος· Ὁ ἐμὸς ἔρως
 ἐσταύρωται. Καὶ ἐν ταῖς
 προεισαγωγαῖς τῶν λογίων εὐ-
 ρήρεις τιὰ λέγοντα περὶ τῆς
 θείας σοφίας· *Ἐραστής*
ἐγειρόμην τοῦ κάλλους αὐτῆς.
 Ὡστε τοῦτο δὴ τὸ τοῦ ἔρωτος
 ὄνομα μὴ φοβηθῶμεν μηδὲ τις
 ἡμᾶς θορυβεῖται λόγος περὶ τοῦ
 του δεδιττόμενος. Ἐμοὶ γὰρ
 δοκοῦσιν οἱ θεολόγοι κοινὸν μὲν
 ἡγεῖσθαι τὸ τῆς ἀγάπης καὶ
 τοῦ ἔρωτος ὄνομα, διὰ τοῦτο δὲ
 τοῖς θεῖοις μᾶλλον ἀναθεῖναι
 τὸν ὄντως ἔρωτα διὰ τὴν
 ἄτοπον τῶν τοιοῦτων ἀνδρῶν
 πρόληψιν.
 Θεοπρεπῶς γὰρ τοῦ ὄντως
 ἔρωτος οὐχ ὑφ’ ἡμῶν μόνον,
 ἀλλὰ καὶ πρὸς τῶν λογίων
 αὐτῶν ἱμνουμένου τὰ πλήθη μὴ
 χωρήσαντα τὸ ἐνοειδὲς τῆς
 ἐρωτικῆς θεωνυμίας οἰκείως
 ἑαυτοῖς ἐπὶ τὸν μεριστὸν καὶ
 σωματοπρεπή καὶ διηρημένον
 ἐξωλίσθησαν, ὅς οὐκ ἔστιν
 ἀληθῆς ἔρως, ἀλλ’ εἰδωλον ἢ
 μᾶλλον ἐκπτ-σις τοῦ ὄντος
 ἔρωτος .

(709B)

E em outro lugar alguns nossos au-
 tores sacros acreditaram que o
 nome do amor seja mais divino
 que aquele de predileção (Amor).
 O Divino Inácio escreve: “O meu
amor foi crucificado”, e nos livros
 sagrados que introduzem aos mis-
 térios poderemos encontrar um
 homem que diz de sua divina sa-
 bedoria: “eu estou apaixonado pela
 sua beleza”.

Por isso não temamos o nome do
Amor e não nos abale nenhum dis-
 curso que crie dúvida sobre estas
 coisas. Parece-me que os sagrados
 autores dão o mesmo sentido aos
 nomes de **Amor** e **predileção**. E se
 com mais satisfação atribuem o ver-
 dadeiro amor às coisas divinas, isto
 é devido ao prejuízo estranhos des-
 tes indivíduos, embora sendo o ver-
 dadeiro **amor** celebrado de modo
 digno de Deus, mas somente por
 nós, mas também da mesma escri-
 tura, o vulgar não compreende o
 sentido único do nome do Amor
 dado a Deus, e, de modo conforme
 a sua ignorância, se deixa caminhar
 ao Amor parcial, corporais, dividi-
 dos, que não é o verdadeiro amor.

Neste momento nosso autor procura uma argumentação patrística, bus-
 cando em Santo Inácio (+110 d.C.) a justificativa para a interpretação de seu
 conceito de *Eros*. A argumentação coloca no mesmo nível seja *Eros* ou *Ágape*.
 Em nenhum momento a palavra *Eros* aplicada a Deus diminui sua dignidade,
 e somente aquele que compreende a profundidade da palavra vai poder enten-
 der a intensidade do amor divino. A palavra *Eros* veio carregada de forma
 pejorativa, num baixo conceito do que é digno, devido à mitologia grega, mas
 isto não quer dizer que ela não tenha sua importância na compreensão cristã.
 Esta só não é entendida pelo medíocre, que reduz a compreensão de forma

baixa e não compreendida pela grandiosidade do amor divino. A palavra deve ser entendida dentro de seu eixo semântico e não pelo preconceito que ela pode carregar devido à sua utilização que veio feita por outros autores.

(709C)

[...] Ἀχώρητον γὰρ ἐστὶ τῷ
πλήθει τὸ εἰκαῖον τοῦ θεοῦ καὶ
ἐνὸς ἔρωτος . Διὸ καὶ ὡς
δυσχερέστερον ὄνομα τοῖς
πολλοῖς δοκοῖν ἐπὶ τῆς θείας
σοφίας τάττεται πρὸς
ἀναγωγὴν αὐτῶν καὶ ἀνάστασιν
εἰς τὴν τοῦ ὄντως ἔρωτος
γνώσιν καὶ ὥστε ἀπολιθῆναι
τῆς ἐπ' αὐτῷ δυσχερείας.
Ἐφ' ἡμῶν δὲ αὖθις, εἴθε καὶ
ἀτοπὸν τι πολλάκις ἦν οἰηθῆναι
τοῖς χαμαιζήλοισι, κατὰ τὸ
δοκοῖν εὐφημότερον Ἐπέπεσε,
τίς φησιν, ἡ ἀγάπησίς σου (ἐπ'
ἐμέ) ὡς ἡ ἀγάπησις τῶν
γυναικῶν. Ἐπὶ τοῖς ὀρθῶς τῶν
θεῶν ἀκροωμένοις ἐπὶ τῆς
αὐτῆς δυνάμεως τάττεται πρὸς
τῶν ἱερῶν θεολόγων τὸ τῆς
ἀγάπης καὶ τοῦ ἔρωτος ὄνομα
κατὰ τὰς θείας ἐκφαντορίας
[...]

(709C)

[...] Ao ignorante permanece incompreensível o sentido de unidade do Amor divino e uno. Por isso, do momento que este nome aparece às vezes incomodado aos outros, vem colocado na divina sabedoria para elevar e reconduzir o ignorante ao conhecimento do verdadeiro amor, e a fim de que venha libertado da dificuldade que se encontra no nome.

De outro lado quanto a nós, quando seria possível que sempre as pessoas vulgares, pensasse alguma coisa de inconveniente, usando o nome mais honesto diz: “Caia a sua predileção sobre mim como faz a predileção da mulher” (II Sam., 1, 26). Para aqueles que entendem com alma reta as coisas divinas, os sagrados autores usam com o mesmo significado o nome de predileção e de amor segundo a interpretação divina [...]

A “divina Sabedoria” é a expressão da compreensão do mistério divino e que acompanha a “Providência divina” em sua descida fazendo com que o homem compreenda a ação divina em benefício dos homens. Está ligada à teologia afirmativa e tem sua função de fazer entender quem Deus é. Para tirar a dúvida daqueles que procuram rejeitar o nome de *Eros* aplicado a Deus vem afirmar que tanto *Ágape* quanto *Eros* vêm aplicado na Sagrada Escritura, e as duas palavras não se contradizem, mas são aplicadas com o mesmo significado e em nada desmerecendo a palavra *Eros*.

Definições e qualidades

Eros no sentido geral: avaliação estética

Sobre citação de “amor” em geral encontramos em Gregório de Nissa: *Hom. 06 em Cântico dos cânticos*⁶. Gregório destaca em seu comentário que se pode conceber a palavra *Eros* de forma geral, sem cair na implicação semântica pejorativa herdada pela filosofia. *Eros* revelaria também uma dimensão de avaliação estética e que não poderia ser avaliada pela criança.

[...] τίς γὰρ τοῦ τοιοῦτου
κάλλους ἀνέραστος γίνεται,
εἰ μόνον ὀφθαλμὸν ἔχει τὸν
ἐνατενίσαι τῇ ᾠρᾷ
δυναμένοι, οὐ πολὺ μὲν τὸ
καταλαβανόμενον κάλλος,
ἀπειροπλάσιον δὲ τὸ διὰ
τοῦ φαινομένου
στοχαστικῶς εἰκαζόμενον;
ἀλλ’ ὡσπερ ὁ ἰλικὸς ἔρως
τῶν ἐτι νηπιαζόντων οὐχ
ἄπτει (οὐ γὰρ χωρεῖ τὸ
πάθος ἢ νηπιότης), οὐδὲ μὴν
τοὺς ἐν ἐσχάτῳ γήρα
πεποννηκότας ἐν τοῖς
τοιοῦτοις ἔστιν ἰδεῖν...

[...] Quem não amaria uma tal beleza, que pudesse ter um olho capaz de fixar-se naquela graça?

Grande é a beleza que vem entendida, mas infinitamente maior é aquela que podemos imaginar por conjectura, baseando-nos sobre aquilo que se vê.

Mas com o amor material não toca aqueles que são ainda crianças, porque a infância não pode conceber a paixão e ainda menos é possível ver neste estado físico aqueles que já estão enfraquecidos da extrema idade...

Dionísio Areopagita no “Nome Divino” *Eros* corresponde ao amor de Deus. Das realidades inteligíveis como do homem e de toda natureza criada como expressão de amor.

[...] Ταῦτα καὶ ὁ κλεινὸς ἡμῶν
ἱεροτέ-λεστέης ἐνθέως
ὑφηγήσατο κατὰ τοὺς
ἐρωτικούς ἕμους, ὧν οὐκ
ἀτοπον ἐπιμνησθῆναι καὶ οἶον
ἱεράν τινα κεφαλὴν ἐπιθεῖναι
τῷ περὶ ἔρωτος ἡμῶν λόγῳ·
τὸν ἔρωτα εἴτε θεῖον εἴτε
ἀγγελικὸν εἴτε νοερὸν εἴτε
ψυχικὸν εἴτε φυσικὸν εἴποιμεν,

[...] Também o nosso ilustre iniciador às coisas sagradas lhes expôs de modo inspirado por Deus a propósito dos hinos de amor (*Hinos eróticos*).

Não é coisa inútil recordar e acrescentar ao nosso discurso sobre o amor como uma conclusão sagrada.

⁶ Cf. Gr. Nyss., *Hom. 6 in Cant.*, (M.44.900C, D).

ἐνωτικὴν τινα καὶ συγκρατικὴν
ἐννοήσωμεν δύναμιν τὰ μὲν
ὑπέρτερα κινούσαν ἐπὶ πρόνοιαν
τῶν καταδεεστέρων, τὰ δὲ
ὁμόστοιχα πάλιν εἰς κοινωνικὴν
ἀλληλουχίαν καὶ ἐπ' ἐσχάτων
τὰ ὑφειμένα πρὸς τὴν τῶν
κρείττων καὶ ὑπερκειμένων
ἐπιστροφὴν [...]

Quando falamos do amor, seja ele divino, ou angélico, ou intelectual, ou animal ou natural, pensamos numa força unitiva e conectiva, que movem as coisas superiores a tomar cuidado daquelas inferiores, aquelas iguais a uma comum relação e aquelas superiores, situadas no último lugar a voltar-se para àquelas melhores e colocadas no alto [...]

Na escala hierárquica dos seres superiores, isto é, da hierarquia Angélica, como do amor divino que vem de Deus e passa pela hierarquia Angélica, e mesmo o amor da hierarquia humana que passa dos anjos para a humanidade por meio dos Bispos (hierarcas), e até mesmo entre os seres inferiores, *Eros* tem sua função de união a partir de sua origem até seu retorno a Deus, que é início e fim de todas as coisas. Tudo por causa do amor que sai de Deus e para Deus retorna. Dionísio coloca que a ação divina por causa de seu amor é responsável pela teologia positiva (sai de Deus e passa pelos seres angélicos, humanos e animais) e depois retorna numa teologia negativa, de conversão (do mais baixo ao mais alto, retornando à fonte de origem), onde só a negação poderá compreender a verdadeira realidade de Deus.

Eros como contemplação do amor de Deus

O amor erótico de Deus é estático e tem como sua função não o fechamento em si mesmo, mas a abertura aos outros numa comunicação de uns com os outros.

Dionísio Arteopagita em *DN*:⁷

[...] Ἔστι δὲ καὶ ἐκστατικὸς ὁ
θεῖος ἔρως οὐκ ἔων ἑαυτῶν
εἶναι τοὺς ἐραστὰς, ἀλλὰ τῶν
ἐρωμένων [...]

[...] O Amor divino é também estático enquanto não permite que os amantes pertençam a si mesmos, mas aqueles que amam [...]

São João Clímaco (579 – 649) em “*Escada para o Paraíso*” 30.⁸ O *Eros* reflete também a relação de um filho que é amamentado pela mãe, como de

⁷ Cf. Dion. Ar., *DN*.4.13 (M.3.712A).

⁸ Cf. Jo. Clim., *Scal*,30 (M.88.1156C).

um ser humano, espiritual, para se unir a Deus. Esta comunicação de voltar a fim de contemplar a face do amado, que é antes de tudo o maior grau de comunicação mística, de contemplação de Deus. São João foi um dos grandes místicos da Igreja da escola sinaítica, cujo ideal monástico era a *Hesychia*, isto é, a tranquilidade externa e interna. A vida dos monges não era vista como um elemento constitutivo do apostolado da Igreja, nem exemplo, mas como sinal da vida Angélica, isto é, homens que vivem no corpo, neste mundo, mas suas realidades verdadeiras estão no céu. Toda esta influência já pode ser encontrada, ainda insipiente, muito antes do cristianismo, nos "terapeutas do deserto" e que nos vêm como testemunho por Filon de Alexandria.

[...]
 Οὐχ οὕτως μήτηρ ὑπομαζίω ,
 ὡς ἀγάπης υἱὸς τῷ Κυρίῳ προσ-
 καλλᾶσθαι πέφυκε πάντοτε.
 - Ὁ οὕτως ἐρώων , αἰεὶ τὸ τοῦ
 φιλουμένου πρόσωπον
 φαντάζεται καὶ τοῦτο ἐνηδόνως
 περιπτύσσεται.
 Οὐκ ἔτι οὐδὲ καθ' ἑπινοίας
 ἡρεμεῖν τοῦ πόθου δύναται·
 ἀλλὰ κάκεισε πρὸς τὸ
 ποθοῦμενον ἀδολεσχεῖ.
 - Οὕτως ἐπὶ ἀσιμμάτων πέφυκε
 γίνεσθαι.
 Τρωθεῖς τις περὶ ἑαυτοῦ ἔλεγεν
 (ὅπερ θαυμάζω)· ὡς Ἐγὼ
 καθείδω διὰ τὴν χρεῖαν τῆς
 φύσεως· ἡ δὲ καρδία μου
 ἀγρυπνεῖ διὰ τὸ πλήτος τοῦ
 ἔρωτος . -
 Σημειώτεον σοι , ὦ πισυνέ,
 ὅτιπερ μετὰ τούτων θηρίων,
 παρὰ τῆς ἐλάφου, ψυχῆς
 ὄλεθρον, τότε ἐπιποθεῖ, καὶ
 ἐκλείπει πρὸς Κύριον, πυρὶ τῆς
 ἀγάπης , ὡς ὑπὸ τοῦ βαλλομένη
 [...]

[...] Não tanto de modo impetuo-
 so se aproxima à criança para to-
 mar leite, enquanto o filho
 amoroso para se unir a Deus.

Quem ama verdadeiramente se
 volta continuamente para a face da
 pessoa amada, e dentro de si mes-
 mo a contempla com prazer.

Nem mesmo no sono se pode se-
 parar daquele afeto e também dor-
 mindo se sente transpor ao objeto
 do seu amor (desejo).

Aquilo que acontece no campo natu-
 ral se repete também no espiritual.

Alguém ferido dizia de si mesmo
 (e é para mim uma maravilha): *Eu durmo por necessidade natural, mas meu coração vigia pela grandeza do amor* – observa, ó alma cheia de fé, que a alma, depois que a procura matou as feras e suspira o seu Senhor, e se liquefaz diante dele atingida pela chama de amor (predileção) [...]

A vigilância erótica da vontade espiritual é diferente da necessidade natural, porque sendo capaz de vigiar é porque venceu as feras exteriores que impediam de estar constantemente em contato com o seu amado, que é Deus. Este tema aparece de uma forma forte em São João da Cruz naquele que con-

seguuiu vencer as noites escuras para estar em Deus, não se fiando nem mesmo nas noites dos sentidos, na noite da fé e na noite de Deus, como prova da sua autêntica busca.

Eros como experiência pessoal do amor de Deus

Amor como individual voltado ao amor de Deus, em que estando voltado ao amor de Deus e correspondido numa vida em que toda a existência divina se manifesta naquele que ama. O amado a partir do momento que descobriu o amado (Deus) só poderia viver para aquele que ama e para mais ninguém. O amor se torna exclusivo dedicado somente àquele que se ama numa comunhão total de vida.

Dionísio Areopagita: *DN*.⁹

[...] Διὸ καὶ Παῦλος ὁ μέγας ἐν κατοχῇ τοῦ θεοῦ γεγωνῶς ἐρώτος καὶ τῆς ἐκστατικῆς αὐτοῦ δυνάμεως μετεληφῶς ἐνθέω στόματι· ζῶ ἐγώ, φησὶν, οὐκ ἔτι, ζῆ δὲ ἐμοὶ Χριστός. Ὡς ἀληθῆς ἐροστῆς καὶ ἐξεσθηκῶς, ὡς αὐτὸς φησὶ, τῷ θεῷ καὶ οὐ τῆν ἑαυτοῦ ζῶν, ἀλλὰ τὴν τοῦ ἐραστοῦ ζωὴν ὡς ἀφόδρα ἀγαπητήν [...]

[...] Por isso o grande Paulo, todo possuído pelo amor divino e sob a participação de sua força extática, diz com palavra inspirada: “Não vivo mais eu, mas é Cristo que vive em mim”, como um verdadeiro amante que como ele mesmo disse, passou em Deus e não vive mais a sua vida, mas aquela do amado porque infinitamente amado (predileto) [...]

Amor de Deus como *Eros* é a causa de todo bem

Eros com o significado de qualidade supra-racional e supra-sensível. A Ação de Deus no mundo inteligível e sensível é erótica. No sentido que se liga a tudo e somente nele tudo encontra sentido de comunicação da sua bondade. Este amor não só é BOM, mas é também CAUSA de todo o Bem.

Dionísio Areopagita na obra *Hierarquia Celeste*¹⁰

[...] ὅταν δὲ τὰς ἀνομοίους ὁμοιότητας τοῖς νοεροῖς περιτιθέντες ἐπιθυμίαν αὐτοῖς περιπλάσωμεν, ἔρωτα θεῶν αὐτῶν ἐννοῶσαι χρῆ τῆς ὑπέρ

[...] Mas, aplicando às inteligências divinas as semelhanças dissimiles imaginaremos que temos a concupiscência, se deve entendê-la como amor divino,

⁹ Cf. Dion. Ar., *DN*.4.13 (M.3.712A).

¹⁰ Cf. Dion. Ar., *CH*.2.4 (M.3.144A).

λόγον καὶ νοῦν ἀύλις
καὶ ἀνένδοτον ἔφεσιν τῆς
ὑπερουσίως ἀγνῆς καὶ ἀπαθοῦς
θεωρίας καὶ τῆς πρὸς ἐκείνην
τὴν καθαράν ...
... καὶ τὸ ἀκρατεὲς ἐκλάβομεν
ἐπὶ τοῦ συντόνου καὶ
ἀνεπιστρόφου καὶ πρὸς μηδεὶος
ἐγκόπτεσθα δυναμένου διὰ τὸν
ἀμυγῆ καὶ ἀναλλοίωτον τῆς
θείας καλλιότης ἔρωτα καὶ τὴν
ὀλικὴν ἀπόκλισιν ἐπὶ τὸ
ὄντως ἐφετόν [...]

daquilo que é imaterial, para além da razão e do intelecto, e o desejo inflexível e infatigável das contemplações sobre substanciais castas e impassíveis...

Poderemos entender a intemperança como um lance indefectível que não pode ser interrompido por alguma coisa qualquer, graças ao amor puro e imutável da beleza divina e total inclinação àquilo que é realmente desejado [...]

Dionísio Areopagita DN.¹¹ Por isso a comunicação de Deus de seu amor erótico não permitiu que nada e nem mesmo Deus fosse estéril fechado em si mesmo, mas se comunicasse por meio de seu amor a todos os seres.

[...] καὶ ἔστι καὶ ὁ θεῖος ἔρως
ἀγαθὸς ἀγαθοῦ διὰ τὸ ἀγαθόν.
Αὐτὸς γὰρ ὁ ἀγαθοεργὸς τῶν
ὄντων ἔρως ἐν τάγαθῳ καθ' ἡ
ὑπερβολὴν προϋπάρχων οὐκ
εἴασεν αὐτὸν ἄγονον ἐν ἑαυτῷ
μένειν, ἐκίνησε δὲ αὐτὸν εἰς τὸ
πρακτικεῦσθαι κατὰ τὴν
ἀπάντων γενητικὴν ὑπερβολὴν
[...]

[...] O amor divino é bom e causa do bem ao bem. Este amor, na verdade, que faz o bem de todas as coisas que são, preexistindo no bem de modo excelente, não permitiu que Deus permanecesse estéril em si mesmo, e o impulsionou a agir segundo uma sobreabundância geradora de todas as coisas [...]

Quanto ao tema vem percorrido também em DN (713B) já citado na página 7 da qualidade supra-razional e supra-sensível.

O amor (*Eros*) do homem para com Deus

Entre Deus e a divina beleza

Clemente de Alexandria, que sucedeu a Pantemo na Escola de Alexandria durante os anos de 200 a 203, oferece-nos um testemunho. Ele foi um dos grandes homens do início do século III. Preparou a entrada de Orígenes na

¹¹ Cf. Dion. Ar., DN.4.10 (M.3.708B).

Escola de Alexandria. Dentre as suas obras importantes destacamos duas que falam diretamente de filosofia, *Protréptico* e *Strômata*. Estas duas obras abriram o diálogo sobre a importância da filosofia que Clemente considerava como uma revelação e colocava como a segunda escritura, depois do Antigo Testamento, e também aquela que antecipa, junto com o Antigo Testamento, da terceira revelação, isto é, o Novo Testamento.

No *Protréptico*¹² ele nos relata que na literatura da mitologia grega encontramos a relação entre os homens e sua relação com os deuses e por isso a dedicação dos homens a estes deuses.

[...] Ἄγαμέμνονα γοῶν τινα
Δία ἐν Σπάρτῃ τιμᾶσθαι
Στάφυλος ἱστορεῖ· Φαινοκλῆς
δὲ ἐν Ἐρωσιν ἢ Καλοῖς
Ἄγαμέμνονα τὸν Ἑλλήνων
Βασιλέα Ἀργύινου νεῶν Ἄφροδίτης ἱστασθαι ἐπ'
Ἀργύινῳ τῷ ἐρωμένῳ.
Ἄρτεμιν δὲ Ἀρκάδες
Ἀπαγομένην καλουμένην
προστρέπονται, ὡς φησὶ
Καλλίμαχος ἐν Αἰτίοις. Καὶ
Κοιδυλίτις ἐν Μηθύμνῃ ἑτέρα
τετίμηται Ἄρτεμις. Ἔστι δὲ
καὶ Ποδάγρας ἄλλης
Ἀρτέμιδος ἐν τῇ Λακωνικῇ
ἱερῶν, ὡς φησὶ Σωσίβιος.
Πολέμων δὲ Κεχηρῶτος
Ἀπόλλωνος [...]

[...] Estafilo conta que em Esparta era venerado um Zeus Agamenon. Fanocles na sua obra que tem o título de “Dos amores e do Belo” conta que Agamenon, rei dos gregos, é aquele que dedicou um templo a Afrodite Argino em memória do amado Argino. Os Arcádicos como disse Calimaco nos Aitia veneram um Artémides dito Apancomon (enforcada). Tem também um templo de uma outra Artemides dita Podagra na Lacônia como escreve Sobisio [...]

Mas noutra passagem Clemente nos expõe que não existe salvação se não existe escolha livre.¹³ Tudo isso só se torna possível por causa do Eros, isto é, amor Celeste, cuja decisão por causa da motivação busca o querer (fonte da decisão ética), pois uma é unida com a outra e inseparável na consecução do agir humano, que conta com a motivação última, o salvar-se, e depois necessariamente ao querer.

[...] Ὁ γέ τοι οὐράνιος καὶ θεῖος
ὄντως ἔρως ταύτῃ προσγίνεται
τοῖς ἀνθρώποις, ὅταν ἐν αὐτῇ
ποῦ τῇ ψυχῇ τὸ ὄντως καλὸν
ὑπὸ τοῦ θεοῦ λόγου
ἀναζωπυροῦ-μενον ἐκλάμπειν
δυνηθῆ· Καὶ τὸ μέγιστον ἅμα

[...] O amor celeste e verdadeiramente divino desde modo atinge os homens, quanto na alma mais brilhante e autêntica brilha acesa pelo alto, do Verbo, e coisa maior

¹² Clem. Prot., II (p. 82.23; M.8.236D), 2, 38, 2.1 ss.

¹³ *Ibidem*, II,117, 2.

τῷ βουλευθῆναι γνησίως τὸ
σωθῆναι συντρέχει,
ὁμοζυγούντων, ὡς ἔπος εὐπεῖν
προαιρέσεως καὶ ζωῆς" ...

que todas as outras, o salvar-se corre unido junto ao querer sinceramente, porque são, como se diz, unidas juntas a escolha e a vida [...]

O Amor (*Eros*) para com os Santos

Destacamos dentre outros possíveis a Justino de Roma, apologeta, que escreveu um tratado chamado **Diálogo com o Judeu Trifão** 8, 1:¹⁴ Estamos por volta do ano 150 d.C. O Cristianismo vivia um período difícil não só internamente externamente, com a perseguição vinda do Império e dos judeus. Alguns homens da Igreja iniciarão o diálogo com o mundo greco-romano numa literatura chamada Apologética. Dois grupos, representantes desta literatura, estarão em conflito. Um grupo que aceita não só o diálogo com a filosofia, mas que usará dos sistemas filosóficos para se fazer entender; e um grupo contrário a este parecer e hostil a toda filosofia como contrária à fé cristã. Justino representa o grupo que fará uso da filosofia, não só do médio-platonismo, mas do aristotelismo, estoicismo e neo-pitagorismo. Quando Justino, depois de ter um encontro com um ancião que o colocara a par da fé cristã e fez com que Justino trouxesse dentro da alma uma força, um amor (*Eros*) avassalador, que o uniria à Sagrada Escritura, a ponto de não querer encontrar senão a única filosofia (fé), unindo-se, também, somente aos discípulos de Cristo, isto é, a Igreja.

[...] Ταῦτα καὶ ἔτι ἄλλα πολλὰ εἰπὼν ἐκεῖνος, ἃ νῦν καιρὸς οὐκ ἔστι λέγειν, ἤχετο, κελεύσας διασκεῖν αὐτὰ· καὶ οὐκέτι αὐτὸν εἶδον. Ἐμοῦ δὲ παραχρῆμα πῦρ ἐν τῇ ψυχῇ ἀνιῆθη, καὶ ἔρως ἔχει με τῶν προφητῶν καὶ τῶν ἀνδρῶν ἐκείνων, οἳ εἰσι Χριστοῦ φίλοι· Διαλογιζόμενός τε πρὸς ἑμαυτὸν τοὺς λόγους αὐτοῦ ταύτην μόνην εὗρισκον φιλοσοφίαν ἀσφαλῆ τε καὶ σύμφυτον" [...]

[...] Depois de ter dito estas e outras coisas que aqui não é o momento oportuno de referir, este ancião foi embora com a exortação de não deixar cair, e desde então não o vi mais.

Quanto a mim, um fogo ascendeu no instante em minha alma e me invadiu o amor pelos profetas e pelos homens que são amigos de Cristo. Ponderando comigo mesmo as suas palavras encontrei que esta era a única filosofia certa e proveitosa [...]

¹⁴ Just., *Dial.*, 8.1 (M.6.492C).

O amor (*Eros*) como virtude

Esta dimensão também vem usada pelos padres da Igreja como podemos encontrar em Clemente de Alexandria no livro *Pedagogo*.¹⁵ Nesta obra, Clemente que nos exorta a caminharmos instruídos pelo verdadeiro Pedagogo da humanidade, o Logos, Jesus Cristo. Esta obra é sobre a ética cristã, numa perspectiva de cristianização da ética estóica, em que Clemente será herdeiro. Aqui se trata da busca das virtudes. O pano de fundo básico é a moral cristã, baseada toda na Sagrada Escritura, mas os elementos vêm também do estoicismo que influenciou muito a compreensão das virtudes.

[...] Ὑποδεικνύων γὰρ ἐνταῦθα
τὸν μισθὸν τῆς γνώσεως εἰς
ἔρωτα αὐτῆς τοὺς
συνετοὺς ἐκκαλεῖται καὶ τῷ
πεπλανημένῳ συγγνώμην
νέμων ἐπίστρεφε γάρ,
ἐπίστρεφε [...]

[...] Ao evocar o conhecimento prometido como recompensa, convida aos prudentes a **desejá-los** (amá-los), e aquele que se desviou, perdoando a alma [...]

Santo Atanásio, o grande Bispo de Alexandria e defensor da fé de Nicéia, escreveu um livro ressaltando a vida do Pai dos monges do deserto. Atanásio foi um dos maiores bispos da Igreja na Antigüidade. Ele foi o grande defensor da fórmula *Homousios* do Concílio Ecumênico de Nicéia (325) que participou como diácono e secretário do seu Bispo Alexandre de Alexandria. Muitos no Concílio viam nesta palavra um ranço de gnosticismo e que não era bíblica. Atanásio vai lutar contra aqueles que queriam tirar esta palavra do “Credo” e conseguirá vencer quando o Imperador Júlio, o Apóstata, subir ao trono (360-363). Aproveitando que o Imperador havia proscrito o cristianismo ele convoca um Concílio em Alexandria (362) e faz vencer a fórmula de Nicéia contra os adversários. O próprio Antão aparece na obra como defensor da fé Niceana contra os semiarianos que ele considerava inimigos da Igreja. Este livro influenciou a vida dos cristãos do Ocidente. Nesta obra *Vida de Antão*¹⁶ ele nos diz:

[...] Ταῦτα διαλεγόμενον τοῦ
Ἀντωνίου, πάντες ἔχαιρον·
καὶ τῶν μὲν ὁ ἔρωσ τῆς ἀρετῆς
ἠῴστανε, τῶν δὲ ἡ ὀλιγωρία
παρεκβαλεῖτο, καὶ ἄλλων τῆς
δαιμονικῆς ἐπιβουλῆς,
θαυμάζοντες τὴν δοθεῖσαν παρ
τοῦ Κυρίου Ἀντωνίῳ χάριν εἰς
τὴν διάκρισιν τῶν
πνευμάτων [...]

[...] Ouvindo Antão discorrer assim, todos se alegravam: em uns aumentava o amor à virtude; de outros desaparecia a pusilanimidade; em outros, ainda, as opiniões errôneas eram retificadas. Persuadia a todos a desprezarem as ciladas do demônio, e cada um

¹⁵ Clem., *Paed.*, I,10 (p.145.7; M.8.360C).

¹⁶ Cf. Ath., *V. Anton.* 44 (M.26.908A).

admirava a graça de discernimento
dos espíritos concedida pelo Se-
nhor à Antão [...]

Vemos também aqui este amor à virtude que vem herdada das virtudes estoicas que sustentaram a fé cristã durante séculos.

Existem tantos outros exemplos e significados que poderiam engrossar este texto, mas que viria a confirmar que tanto ἀγάπη quanto ἔρως possuem significados específicos e que já em Inácio, que bebeu da cultura helênica, ἔρως (*Eros*) vem colocado como amor como vimos acima.

Orígenes deu o grande impulso no seu comentário ao *Cântico dos cânticos* aceitando o desafio da ambigüidade que o termo trazia consigo e afirma que não existe diferença entre ἔρως καὶ ἀγάπη (*Eros* e *Ágape*), em referência a Deus, visto que o conteúdo da palavra é o mesmo e que a própria Sagrada Escritura usa outros termos. Com a tentativa de evitar que pessoas não espertas encontrem pretextos na Escritura para seus intentos não nobres, e viver numa conduta não condizente com a vida cristã, os Padres evitaram o termo ἔρως (*Eros*), usando-o só nos casos em que não pudesse haver engano. Orígenes adaptou a palavra ἔρως no campo teológico, adaptando-a à mística cristã na relação entre o amado e aquele que ama, a esposa, a Igreja, o místico e Jesus Cristo.

Todos aqueles que seguiram o caminho de Orígenes, como Gregório de Nissa, São João Crisóstomo, Máximo, o Confessor, comentando Dionísio, o Areopagita, aplicam *Eros* à vida cristã num sentido profundo e místico. A palavra não tem na Patrologia um sentido pejorativo, embora este mesmo termo será usado para as paixões desordenadas, mas terá também um significado alto e significativo para a vivência tanto na ascese e na mística cristã.

Dentre os tratados existentes, o mais interessante seria fazer recurso a Metódio de Olimpo, no seu tratado *Sobre a Virgindade* (Metodio d'Olimpo, "La verginità" a cura di Normando Antoniono [Testi patristici 152], Roma 2000, Texto; Methode d'Olimpe, "Le Banquet", [Sources Chrétiennes 95], Paris 1963). Neste autor poderemos ver que os termos ἔρως e ἀγνεία (pureza, castidade, consagração) sofreram uma transformação. Ao ἔρως pagão, segundo Antoniono, Metódio substituiu o *Ágape* cristão e a sua forma ideal que é a castidade. O próprio Metódio afirma: "(...) precisa que a virgem seja sempre tomada de amor (ἔρως) I, 1, se tornando a perfeita filósofa".

Conclusão

Com este trabalho procurei, observando alguns testemunhos antigos, os significados existentes no vocábulo ἔρως, e que este vocábulo não era estranho ao cristianismo e que perpassava as dimensões da espiritualidade cristã já anterior ao ano 108 com Inácio de Antioquia. A redescoberta desta palavra e das outras palavras gregas que expressam o “Amor” deveria buscar a compreensão da “encarnação”. Quando o Verbo de Deus assumiu uma carne humana, assumiu uma fragilidade humana. Dentro deste contexto todas as dimensões amorosas se completam e fazem parte desta realidade que é a humanidade. Se colocarmos e destacarmos a palavra *Ágape*, hoje, deveríamos descobrir a importância mística de *Eros*. Ele é fundamental para que a experiência de Deus não seja uma realidade intelectualizada e desencarnada, mas que passe pela afetividade de um relacionamento real e experiencial de amor com a divindade e com o outro. Poder descobrir em *Eros* uma possibilidade de experienciar, numa realidade mais profunda o amor de Deus, é um caminho místico. A alma enamorada que quer se unir de amor com seu Deus, que o deseja com todas as suas entranhas porque não lhe é indiferente, quer buscá-lo com todas as suas forças, não encontra sentido de amar senão nele e com ele poder se deliciar nos afagos e beijos do amado, como no livro do *Cântico dos cânticos*, que será sustentação para toda experiência mística de uma alma enamorada.

Não se pode falar de Deus se não se fala com ele. Esta troca amorosa e afetiva, erótica em nível espiritual, mostra que a vontade de se unir ao outro é uma vontade de se perder no amado e poder ser encontrado somente nele. Num contexto social, podemos ressaltar a importância desta paixão pelo povo de Deus e por toda a humanidade, amada por Deus. Ser capaz de se envolver apaixonadamente pela causa da vida real de nossas comunidades e história, de se apaixonar pelo homem em sua humanidade, e que só nesta paixão descobrir um sentido para viver e lutar. É preciso que o Verbo se faça carne, pois é preciso que o amor afetivo de Deus se faça presente na história, pois nosso Deus é o Deus da história e não de uma manifestação na qual ele não se faça presente na vida real do homem. Só um Deus apaixonado poderia chegar ao extremo: Deu sua vida por nós, para podermos dar a vida pelos outros nossos irmãos. Resgatar *Eros* é resgatar a força de uma humanidade afetiva, do melhor em nós, isto é, o melhor de nossa humanidade. Pois como posso amar a humanidade (*Ágape*) se no concreto, no confronto real não amo o que é mais próximo? Por isso, sem *Eros* e *Filia* não se criam laços humanos.

Querer ver no termo uma realidade pejorativa seria reduzi-lo, coisa que não fizeram os grandes místicos da Antigüidade, de modo especial àquele que irá influenciar toda a mística ocidental, Pseudo Dionísio Areopagita, o grande defensor do *Eros* de Deus – isto é – o “Amor de Deus”.

Abstract

This article aims at demonstrating the semantics of the term Eros in Christian tradition, pointing out the limitations of the term in Portuguese. The scope of its meaning is much wider in Greek. If Christian tradition has charged the word with a negative feature, other priests have read it in tune with Agape and other meanings. The mystical perspective interprets it as an ‘erotic’ relationship between man and God. Such intimacy attempts to explain God’s desire and the mutual relation between the one who loves and the beloved, rooted in mankind’s most intimate longing. To deny, on account of prejudice, words charged with non-divine desires unworthy of humanity, as happened in antiquity, is to reduce their semantic field in history. That word reflects the soul’s love for God in a mystical perspective and assumes meaningful variations, among which Christ’s love, ‘Agape’ or God’s love for men, and individual love connected with God: ‘Eros’ as virtue and chastity. The comprehension of the dimensions of love takes place in the capacity to realize that they are all positive and relevant to human life’s balance, in the harmony of those dimensions that constitute life.

Key words: Eros; Patristics; Love; Soul; The mystical; Virtue; Chastity; Agape.

Artigos do autor

TROPIA, Ulysses Roberto Lio. Orígenes e a tradição filosófica de seu tempo: uma experiência de inculturação da Igreja de Alexandria. *Atualização*, Belo Horizonte, n. 278, p. 123-160, 1999.

TROPIA, Ulysses Roberto Lio. Pseudo Dionísio Areopagita – Teologia Mística a Timóteo. *Atualização*, Belo Horizonte, n. 279, p. 215-246, 1999.

TROPIA, Ulysses Roberto Lio. Pseudo Dionísio Areopagita: a questão do mal na obra *Nomes Divinos*. *Atualização*, Belo Horizonte, n. 295, p. 609-634, 2001.

TROPIA, Ulysses Roberto Lio. Hierarquia e Ciência na obra do Pseudo Dionísio Areopagita. *Atualização*, Belo Horizonte, n. 301, p. 35-66, 2003.

TROPIA, Ulysses Roberto Lio. O Cânon do Antigo e Novo Testamento – sua formação, seu valor. *Atualização*, Belo Horizonte, n. 304, p. 317-334, 2003.

TROPIA, Ulysses Roberto Lio. Orígenes e a primeira homilia do livro *Cântico dos cânticos* – um itinerário espiritual. *Atualização*, Belo Horizonte, n. 315, p. 297-318, 2005.

Referências

- ATHANASIUS ALEXANDRINUS. Vita Antonii. *Patrologiae Graecae*. v. 26 (col., 908A). Paris: J.P. Migne Editorem, 1857.
- BAEHRENS, W. A Die griechischen christlichen Schriftsteller der ersten drei Jahrhunderte. v. 33. Leipzig: s/n, 1925. (Migne 13. 70B).
- CLEMENTIS ALEXANDRINI. Paedagogi. *Patrologiae Graecae*. v. 8 (col., 360C). Paris: J.P. Migne Editorem, 1891.
- CLEMENTIS ALEXANDRINI. Cohortatio ad Gentes (Protreptico). *Patrologiae Graecae*. v. 8 (col., 236D). Paris: J.P. Migne Editorem (1891).
- DIONYSII AREOPAGITAE. De Divinis Nominibus. v. 3 (col., 708B-709A et 712A). Paris: J.P. Migne Editorem, 1857.
- DIONYSII AREOPAGITAE. De Coelesti Hierarchia. v. 3 (col., 144A). Paris: J.P. Migne Editorem, 1857.
- GREGORII NYSSENI. Cantica canticorum. v. 44 (col., 900C-D et 1048C). Paris: J.P. Migne Editorem, 1863.
- INÁCIO DE ANTIOQUIA, Santo. *Cartas de Santo Inácio de Antioquia*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- JUSTINI. *Dialogus cum triphone Judaeo*. v. 6 (col., 492C). Paris: J.P. Migne Editorem, 1857.
- JOANNIS SCHOLASTICI (Climaci). *Scala Paradisi*. v. 88 (col., 1156C). Paris: J.P. Migne Editorem, 1860.
- LELOUP, Jean-Yves. *Uma arte de amar para os nossos tempos: o Cântico dos Cânticos*. Petrópolis: Vozes, 2002.